

Cadernos *Teologia
Pública*

ISSN 1807-0590 (impresso)

ISSN 2446-7650 (on-line)

Ano XXI | Número 177 | Volume 22 | 2025

**A Igreja é uma mulher: misoginia magisterial,
mulheres míticas e feminilidade mimética**

Tina Beattie

Cadernos *Teologia
Pública*

ISSN 1807-0590 (impresso)

ISSN 2446-7650 (on-line)

Ano XXI | Número 177 | Volume 22 | 2025

**A Igreja é uma mulher: misoginia
magisterial, mulheres míticas e
feminilidade mimética**

Tina Beattie

Professora emérita de Estudos Católicos da
University of Roehampton, Londres



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Cadernos Teologia Pública é uma publicação do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, que busca ser uma contribuição para a relevância pública da teologia na universidade e na sociedade. A teologia pública pretende articular a reflexão teológica e a participação ativa nos debates que se desdobram na esfera pública da sociedade nas ciências, culturas e religiões, de modo interdisciplinar e transdisciplinar. Os desafios da vida social, política, econômica e cultural da sociedade, hoje, constituem o horizonte da teologia pública.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS

Reitor: Sérgio Mariucci, SJ
Vice-reitor: Artur Eugênio Jacobus

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU

Diretor: Inácio Neutzling, SJ
Diretor-adjunto: Lucas Henrique da Luz
Gerente administrativo: Nestor Pilz
ihu.unisinos.br

Cadernos Teologia Pública

Ano XXI – Vol. 22 – Nº 177 – 2025

ISSN 1807-0590 (impresso) | ISSN 2446-7650 (on-line)

Editor: Prof. Dr. Inácio Neutzling, SJ – Unisinos

Conselho editorial: MS. Ana Maria Casarotti; Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; MS. Guilherme Tenher Rodrigues; Profa. Dra. Susana Rocca.

Conselho científico: Ana Maria Formoso (Pontifícia Universidad Católica de Valparaíso, doutora em Educação); Christoph Theobald (Faculdade Jesuíta de Paris - Centre Sèvres, doutor em Teologia); Faustino Teixeira (UFJF-MG, doutor em Teologia); Felix Wilfred (Universidade de Madras, Índia, doutor em Teologia); Jose Maria Vigil (Associação Eumênica de Teólogos do Terceiro Mundo, Panamá, doutor em Educação); José Roque Junges, SJ (Unisinos, doutor em Teologia); Luiz Carlos Susin (PUCRS, doutor em Teologia); Maria Inês de Castro Millen (CES/ITASA-MG, doutora em Teologia); Peter Phan (Universidade Georgetown, Estados Unidos da América, doutor em Teologia); Rudolf Eduard von Sinner (PUCPR, doutor em Teologia).

Responsáveis técnicos: Cleusa Maria Andreatta e Guilherme Tenher Rodrigues.

Revisão: Isaque Gomes Correa

Imagem da capa: PxHere

Projeto Gráfico: Ricardo Machado

Editoração: Guilherme Tenher Rodrigues

Tradução: Isaque Gomes Correa

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos.
– Ano 20. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- .v. 20.
Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>>.
Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 19, n. 326 (2021).
ISSN 2448-0304
1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo/RS, Brasil

Tina Beattie é professora emérita de Estudos Católicos da *University of Roehampton*, em Londres. Em 26-11-2024, ela proferiu a videoconferência **“A Igreja é Mulher”**. **Misoginia magisterial, feminilidade mítica e feminilidade mimética** no Instituto Humanitas Unisinos – IHU, evento que fez parte do **Ciclo de estudos: O (não) lugar das mulheres: o desafio de desmasculinizar a Igreja** realizado ao longo do ano. O ensaio a seguir foi disponibilizado pela autora e traduzido por Isaque Gomes Correa.

A Igreja é uma mulher: misoginia magisterial, mulheres míticas e feminilidade mimética

Tina Beattie

Professora emérita de Estudos Católicos da
University of Roehampton, Londres

INTRODUÇÃO

Quando o Papa Francisco foi eleito em 2013, logo ficou claro que uma transformação significativa estava em curso. Podemos interpretar sua exortação apostólica de 2013, *Evangelii Gaudium*, como um manifesto das mudanças que ele esperava implementar na Igreja (cf. Francisco, 2013). Muitas dessas mudanças foram introduzidas, apesar da resistência de membros mais conservadores da hierarquia e dentre os leigos. Mas podemos dizer que isso faz parte de um processo de “desmasculinização” da Igreja por meio de uma maior participação e representação das mulheres?

O Papa Francisco debate o papel feminino nos parágrafos 103 e 104 de *Evangelii Gaudium*, reconhecendo “a indispensável contribuição da mulher na sociedade, com uma sensibilidade, uma intuição e certas capacidades peculiares, que habitualmente são mais próprias das mulheres que dos homens”. Ele refere-se à preocupação das mulheres com os outros, especialmente na maternidade, e destaca a necessidade do “gênio feminino” em todos os aspectos da sociedade.

Ele também reafirma a exclusividade masculina do sacerdócio: “O sacerdócio reservado aos homens, como sinal de Cristo Esposo que Se entrega na Eucaristia, é uma questão que não se põe em discussão, mas pode tornar-se particularmente controversa se se identifica demasiado a potestade sacramental com o poder”.

Desde então, houve mudanças superficiais nos papéis da mulher no Vaticano. Mais mulheres foram nomeadas para postos de liderança subordinada – subordinada porque, em última instância, elas estão sempre subordinadas a um clérigo masculino – e uma minoria relativamente pequena de mulheres participou com direito a voto nos dois últimos Sínodos dos Bispos. Mas nenhuma dessas mudanças tem impacto no nível da eclesiologia. São mudanças institucionais e burocráticas, sem conteúdo ou significado sacramental. Portanto, não, eu não penso que a Igreja está sendo desmasculinizada, porque o cerne da vida da Igreja não é institucional, mas sacramental. Contudo, acredito que a feminilidade mimética – uma fantasia romântica do feminino, abstraída das realidades concretas da vida corpórea feminina – é o fundamento sobre o qual a eclesiologia é construída. Somente quando o corpo

feminino tiver significado sacramental, será possível falar em mudança significativa. Aqui eu irei desenvolver algumas dessas ideias.

MISOGINIA MAGISTERIAL?

Quando, numa coletiva de imprensa em Roma, a ex-presidente irlandesa, Mary McAleese, descreveu a Igreja Católica como “um império de misoginia”, suas palavras reverberaram ao redor do mundo (cf. McAleese, 2018). Lugares-comuns, como as referências ao “gênio feminino” e ao cuidado e nutrição maternos, elogios efusivos ao trabalho que as mulheres fazem, não visam promover as mulheres, mas a silenciá-las, como quando se elogia uma criança pequena para apaziguá-la.

Vejamos o que alguns documentos magisteriais recentes dizem sobre as mulheres.

O Sínodo para a Amazônia de 2019 pediu que a questão das diáconas estivesse aberta à discussão. A exortação pós-apostólica de Francisco, *Querida Amazonia*, foi uma reflexão lírica que enfatizou seu desejo de ouvir e ser guiado pelas discussões sinodais. Apenas quando se tratou do papel da mulher, ele adotou um tom de autoridade papal que não admitia dissenso.

A seção sobre mulheres em *Querida Amazonia* intitula-se “A força e o dom das mulheres” (cf. Francisco, 2020). Francisco afirma que a contribuição enorme das mulheres à Igreja na Amazônia deve receber um reconhecimento oficial, mas com a condição de que seus “serviços eclesiais que não requeiram a Ordem sacra”. Portanto, “não” à ordenação delas ao diaconato. Em vez disso, os papéis delas devem ser adequados às

características particulares da “feminilidade”, que seriam diminuídas se as mulheres fossem clericalizadas. O poder das mulheres volta-se para manter as comunidades unidas e cuidar delas, mas aparentemente não no papel de sacerdotes.

Ainda assim, Francisco pede um sacerdócio inclusivo e acolhedor, numa Igreja maternal que demonstra a misericórdia divina no trabalho pastoral e numa ecle-siologia inculturada que manifeste o “ardente amor materno” de Maria. Há uma contradição aqui, pois, se a clericalização é um aspecto inevitável da ordenação, então deveríamos parar de ordenar toda e qualquer pessoa. Mas se Francisco, como ele afirma repetidamente, considera o clericalismo um flagelo de um sacerdócio disfuncional, então que melhor maneira de desafiar isso do que ordenar mulheres com todos os dons especiais que supostamente possuem? Não deveria ser comum a todos os cristãos, em especial àqueles em posições de liderança?

Mais recentemente, no Sínodo sobre a Sinodalidade de 2024, muitos ficaram desapontados ao ver que a questão das diáconas foi deixada fora da agenda e acabou atribuída a um grupo anônimo sob os auspícios do Dicastério para a Doutrina da Fé para debates posteriores. Após muita pressão de alguns participantes do Sínodo, no entanto, o documento sinodal final foi emendado para incluir uma referência às diáconas, observando que “a questão do acesso das mulheres ao ministério diaconal também permanece em aberto e é necessário prosseguir o discernimento a este respeito” (Francisco, 2024, n. 60). Este parágrafo quase não obteve votos suficientes para ser incluído no documento final, sendo o mais próximo de ser rejeitado e omiti-

do. Há dois relatórios encomendados pelo Papa sobre o diaconato feminino, nenhum dos quais foi tornado público.

Quando o Sínodo foi anunciado, eu me envolvi na preparação e distribuição de um questionário para uma pesquisa com católicas do mundo inteiro, iniciada pelo fórum *Catholic Women Speak*, onde atuo como facilitadora, pesquisa conduzida pelas doutoras Tracey McEwan, Kathleen McPhillips e Miriam Pepper, da Universidade de Newcastle, na Austrália. Os relatórios da pesquisa podem ser encontrados em *Catholic Women Speak* (2023).

O estudo foi traduzido e distribuído em oito idiomas e contou com mais de 17.000 respostas. A seguir apresento um resumo dos resultados:

UM RETRATO DAS MULHERES NA IGREJA CATÓLICA

- 88% concordam com a afirmação “Minha identidade católica é importante para mim”.
- 79% concordam que a mulher deve ser totalmente incluída em todos os níveis da liderança da Igreja.
- 84% concordam que uma reforma é necessária na Igreja Católica.
- 85% concordam que o clericalismo está prejudicando a Igreja Católica.
- 83% concordam que o Ensino Social Católico é um bom recurso para a promoção de justiça social.

- 82% concordam que as pessoas LGBTQIA+ devem ser totalmente incluídas e respeitadas em todas as atividades da Igreja.
- 80% concordam que as lideranças religiosas não estão fazendo o suficiente para abordar a perpetração e o acobertamento dos abusos sexuais.
- 89% concordam com a afirmação “As lideranças religiosas precisam fazer mais para abordar outras formas de abuso, incluindo abusos de poder e dano espiritual” (Catholic Women Speak, 2023, s.p.).

Fica claro que as mulheres ao redor do mundo veem a necessidade de mudanças. Embora as diferenças demográficas em termos de idade e cultura, a maioria das mulheres apoiou reformas, mesmo nas áreas mais contestadas e polêmicas do ensino e da prática católicos.

Muitas das pessoas que participaram da pesquisa relatam uma luta constante para permanecer fiéis ao Evangelho de Jesus Cristo e à beleza sacramental da fé católica, enquanto se debatem com a extensão da marginalização e desvalorização em que as mulheres ainda se encontram referentes aos ensinamentos e às práticas da Igreja. Tais experiências levaram fiéis a se afastarem e buscar a realização em outros ambientes, mas por que outras decidem permanecer, mesmo estando plenamente cientes dos conflitos e contradições?

McAleese nos dá uma possível resposta a essa pergunta em um trecho de sua palestra proferida no congresso da *Voices of Faith* por ocasião do Dia Mundial da Mulher, realizado em Roma em 01-03-2018. Diz ela:

Ao longo destes dois mil anos da história cristã, vieram a beleza divina etérea do Presépio, o sacrifício cruel da Crucificação, o Aleluia da Ressurreição e o grito de união do grande mandamento de amarmos uns aos outros. Mas, ao longo destes mesmos dois mil anos, vieram toxinas criadas pelo homem, como a misoginia e a homofobia, sem falar no antisemitismo, com seu legado de vidas espedaçadas e desperdiçadas e uma disfunção institucional profundamente enraizada (Voices of Faith, 2024, s.p.).

Temos aqui uma eloquente articulação do paradoxo e da ambiguidade no centro da fé católica. Nenhuma tradição na história dignificou tanto o ser humano quanto o catolicismo sacramental. A Igreja continua sendo um dos maiores e mais eficazes provedores de assistência à saúde, de educação e apoio social aos mais pobres do mundo (Calderisi, 2013). Longe do olhar atento da Congregação para a Doutrina da Fé, por muito tempo os provedores católicos de saúde têm fornecido preservativos àqueles em risco de contrair HIV/Aids e cuidado a mulheres e meninas que enfrentam as consequências catastróficas de abortos inseguros (cf. Kristof; Wudunn, 2009). Gerações de mulheres devem sua formação à Igreja Católica, e nisso reside outro paradoxo. Muitos dos que estão na linha de frente das campanhas pelos direitos da mulher hoje são frutos da educação católica. Foram as escolas católicas que abriram seus olhos para a ambiguidade descrita por McAleese: a mistura de misoginia e graça que constitui a história da Igreja.

Também devemos notar que, embora a tradição católica continue funcionando como a guardiã do patriarcado, ela preservou as memórias de muitas mulheres cujos nomes, de outra forma, teriam se perdido na

história. Desde as mulheres dos Evangelhos até as santas e místicas da Igreja medieval e moderna, elas foram reconhecidas como agentes de revelação, evangelistas, pregadoras e, mais recentemente, Doutoradas da Igreja. Em 2016, a Festa de Maria Madalena foi elevada pelo Papa Francisco ao mesmo nível dos outros apóstolos, e pela primeira vez ela é mencionada na liturgia formal com seu antigo título de “apóstola dos apóstolos”. Desde 1970, quatro santas foram reconhecidas como Doutoradas da Igreja: Catarina de Siena, Teresa de Ávila, Teresinha de Lisieux e Hildegard von Bingen.

Essa nuvem de testemunhas femininas é uma fonte sustentadora de inspiração e encorajamento para as mulheres que escolhem permanecer. Pertencemos a uma ampla comunidade dos vivos e dos mortos e nos recusamos a entregar o corpo vivo da Igreja sacramental nas mãos de um culto misógeno presidido por homens celibatários obcecados por poder e *status*. Essa descrição não inclui os muitos padres e monges que exercem suas vocações com um profundo senso de humildade, serviço e da santidade da vida cotidiana, mas descreve a atitude de muitos na Cúria, como o próprio Papa Francisco repetidamente observa.

Se procurarmos razões e possíveis soluções para a misoginia que continua a afetar a missão evangelizadora da Igreja, devemos ir além do registro histórico, por mais importante que ele seja. Há *insights* frutíferos a serem adquiridos pela psicanálise e pela teoria de gênero, mas será inútil procurar uma única explicação. Em vez disso, devemos circular em torno do problema, abordá-lo sob diferentes ângulos e nos perguntar que impulsos ocultos de medo e desejo sustentam o androcêntrico defensivo das instituições eclesiais.

A IGREJA É UMA MULHER

O Papa Francisco insiste repetidas vezes que as realidades são maiores do que as ideias e que a encarnação revela Deus na história em muitas culturas e contextos diferentes. No entanto, quando se trata da vida feminina encarnada, ele parece estar mais comprometido com a ideia da mulher como um ideal abstrato e a-histórico do que com as realidades complexas da vida concreta das mulheres. Sua “mulher” é um arquétipo materno atemporal, sua função principal sendo a de suavizar a cultura masculina com uma ternura feminina que a mantém em silêncio e subordinação. Não há reconhecimento de que as vidas das mulheres também são culturalmente diversas e não podem ser reduzidas a um conceito abstrato de “Mulher”.

Eis aqui o que o Papa Francisco disse numa palestra à Comissão Teológica Internacional em novembro de 2023, conforme reproduzido pela revista *America* (Giangravé, 2023). Após observar que “a mulher tem uma capacidade de reflexão teológica diferente daquela que temos nós homens”, ele continuou:

A Igreja é mulher. E se não soubermos entender o que é uma mulher, o que é a teologia de uma mulher, nunca entenderemos o que é a Igreja. Um dos grandes pecados que temos tido é “masculinizar” a Igreja.

Ele instruiu os presentes no evento a “desmasculinizarem a Igreja”.

Outro exemplo é sua resposta à jornalista sueca Kristina Kappellin, quando esta perguntou a respeito da ordenação feminina no voo de volta a Roma, de Lund, após sua visita à Suécia em novembro de 2016. Na ocasião, o papa falou:

Na eclesiologia católica, há duas dimensões a considerar: a dimensão petrina, vinda do apóstolo Pedro, e o colégio apostólico, que é a atividade pastoral dos bispos; e a dimensão mariana, que é a dimensão feminina da Igreja, e isso eu já disse mais de uma vez. Pergunto-me: quem é mais importante na teologia e no misticismo da Igreja: os apóstolos ou Maria no dia de Pentecostes? É Maria! A Igreja é uma mulher. Ela é “*la Chiesa*”, não “*il Chiesa*”... e a Igreja é esposa de Cristo. É um mistério esposal. E à luz desse mistério, entenderão o motivo dessas duas dimensões. A dimensão petrina, que é a dos bispos, e a dimensão mariana, que é a maternidade da Igreja... mas no sentido mais profundo. Uma Igreja não existe sem essa dimensão feminina, porque ela mesma é feminina (Sala Stampa Della Santa Sede, 2016, s.p.).

Há uma grande confusão aqui entre essencialismo sexual e fluidez de gênero. Para pertencer à dimensão masculina petrina da Igreja, é necessário ser biologicamente masculino. O sacerdócio é sexuado e não definido pelo gênero. No entanto, a dimensão feminina maternal da Igreja mariana é definida pelo gênero, não pelo sexo. Ela é polimorfa, sem relação essencial com o corpo feminino. O corpo maternal simbólico da Igreja mariana é composto por muitos corpos de gêneros diversos. Em um apelo confuso ao gênero gramatical dos substantivos, o Papa Francisco nos assegura de que a Igreja é uma mulher, porque “Igreja” é um substantivo feminino em italiano. Em polonês, língua nativa de João Paulo II, a palavra para Igreja (*kościół*)

é masculina! Afirmar que a Igreja é uma mulher, e que as mulheres são honradas por tal afirmação, é, na verdade, tornar o corpo feminino supérfluo em termos de linguagem e significado sacramental.

Quando uma comunidade exclusivamente masculina celebra a Missa, todos os significados simbólicos de gênero que constituem o sacramento estão presentes – padre e Igreja, esposa e esposo, mãe e pai, homem e mulher – porque todos esses papéis podem ser desempenhados por homens. No entanto, quando uma comunidade exclusivamente feminina celebra a Missa, o corpo masculino deve estar presente na forma do padre. A Igreja pode ser uma mulher, mas não é possível constituir a Igreja sem a presença de um homem. O homem é essencial e a mulher é inessencial, ponto que tem sido repetidamente levantado por filósofas feministas e teóricas de gênero.¹

Vemos a confusão entre a fluidez de gênero e o essencialismo sexual ao analisarmos a linguagem da Carta Apostólica *Mulieris Dignitatem* (“Sobre a Dignidade e a Vocação da Mulher”), de João Paulo II, publicada em 1988 (João Paulo, 1988, s.p., grifo do original):

- Cristo é o Esposo e “*todos os seres humanos – tanto homens como mulheres – são chamados a ser a «Esposa» de Cristo, redentor do mundo. Assim, «ser esposa», portanto o «feminino», torna-se símbolo de todo o «humano», segundo as palavras de Paulo: «não há homem nem mulher:*

1 Para uma análise de como esta linguagem nupcial tem sido interpretada de formas que acrescentam um literalismo sexual perigoso à compreensão moderna da Missa, ver: Beattie (2003, p. 195-212).

todos vós sois *um só* em Cristo Jesus» (Gál 3, 28) [...] como membros da Igreja, também os homens estão compreendidos no conceito de «Esposa»” (n. 25).

- “O Esposo – o Filho consubstancial ao Pai enquanto Deus – tornou-se filho de Maria, «filho do homem», verdadeiro homem, do sexo masculino. O símbolo do Esposo é de gênero masculino. [...] Precisamente porque o amor divino de Cristo é amor de Esposo, esse amor é o paradigma e o exemplar de todo amor humano, particularmente do amor dos homens-varões” (n. 25).
- “É na *Eucaristia* que, em primeiro lugar, se exprime de modo sacramental o ato redentor de Cristo Esposo em relação à Igreja Esposa. Isto se torna transparente e unívoco, quando o serviço sacramental da Eucaristia, no qual o sacerdote age «*in persona Christi*», é realizado pelo homem” (n. 26).
- “Se o autor da *Carta aos Efésios* chama Cristo Esposo e a Igreja Esposa, ele confirma indiretamente, com tal analogia, a verdade sobre a mulher como esposa. O Esposo é aquele que ama. A Esposa é amada: é aquela que recebe o amor para, por sua vez, amar” (n. 29).

Quantos gêneros então existem em *Mulieris Dignitatem*?

Gênero 1: Feminino – mulher, virgem, esposa, mãe

Gênero 2: Masculino – homem, esposo, pai

Gênero 3: A Igreja – corpos femininos e masculinos como mulher, virgem, esposa, mãe

Gênero 4: Os esposos – corpos femininos e masculinos que amam como Cristo ama

Gênero 5: O esposo – corpos masculinos como sacerdotes

Em *Querida Amazonia*, Francisco declara que o rosto de Cristo é revelado por meio de “dois rostos humanos”: Jesus Cristo como homem e Maria como mulher. Antes, ele identifica as únicas duas funções para as quais um sacerdote é essencial: rezar a Missa e ouvir confissões. O poder do sacerdote não é hierárquico, mas deriva do fato de que “apenas ele pode dizer: «*Isto é o meu corpo*»”. Cada vez que leio essas afirmações, fico mais perturbada.

Francisco sustenta que Cristo é “divino” e Maria é “uma criatura”. Dizer que as mulheres representam Maria e os homens representam Cristo é dizer que apenas os homens representam o divino. Sugerir que uma mulher não pode dizer “Este é o meu corpo” é excluir a carne feminina do corpo de Cristo. Isso não pode ser o que Francisco pretende significar. Como os seus dois antecessores papais, no momento que ele é chamado a explicar por que as mulheres não podem ser sacerdotes, sua sabedoria teológica implode e se emaranha em contradições e inconsistências.

Não é de se admirar que a Igreja se preocupe tanto em controlar e promover a fertilidade feminina, pois, no final, as mulheres servem apenas para a procriação. Além dessa função biológica, nada há que uma mulher possa fazer que um homem não possa fazer igualmente ou melhor. Ao tentar afirmar a igualdade sexual

enquanto mantém a exclusividade masculina do sacerdócio, a doutrina moderna abraçou uma ontologia da diferença sexual que chega perigosamente perto de excluir o corpo feminino da promessa redentora da encarnação.²

Até agora, enfoquei mais o papel e a representação das mulheres, e a insignificância sacramental do corpo feminino. Mas a associação do homem com a divindade e da mulher com a criatura não é apenas uma infelicidade teológica, tem também profundas implicações ecológicas. Para explorar isso mais a fundo, precisamos voltar às maneiras como os conceitos filosóficos gregos de forma e matéria moldaram a teologia e a filosofia ocidentais.

MÃE NATUREZA: O CORPO FEMININO E A ECOLOGIA

A relação de gênero entre a forma paternal e a matéria maternal tem constituído o alicerce do espírito ocidental desde os tempos de Platão, tendo encontrado uma forte afirmação na teologia patrística e medieval. Este dualismo filosófico moldou a compreensão católica de gênero em todos os níveis da existência – cosmológico, ontológico e sociológico – com base tanto na filosofia neoplatônica quanto na aristotélica. A ordem do ser é mantida por meio de hierarquias descendentes de gênero, começando com a forma paternal além da forma de Deus Pai, e se espalhando pela ordem criada, desde reis, governantes, bispos e padres até maridos, pais, líderes e senhores. Mulheres, crianças e animais estão na extremidade natural desse espectro e, por estarem mais próximos da natureza/matéria, devem ser subjugados e governados por homens que estão mais

2 Para saber mais, ver: Beattie (2020).

próximos da forma divina. A relação copulativa entre a forma paternal e a matéria maternal é o bloco construtivo primordial do ser criado, e perturbar isso é ameaçar a própria ordem do ser. Se a forma não controla a matéria, resulta o caos.

Essas crenças antigas carecem de credibilidade moderna, mas o platonismo, com seus dualismos associados, ainda mantém um poderoso controle sobre a psique ocidental. A abstração desencarnada da forma é associada à mente racional e masculina, feita à imagem de Deus. O caos da matéria é associado ao corpo feminino, com suas intimações psicológicas de sexualidade perigosa e voraz poder maternal. Tais percepções podem ser exploradas com mais profundidade através da psicanálise lacaniana. Lacan demonstrou, a meu ver, de forma convincente, como esses dualismos filosóficos continuam a estruturar a psique ocidental através da ordem simbólica e como eles ainda moldam nossos conceitos de gênero (cf. Beattie, 2013).

Em seu influente livro *A morte da natureza*, Carolyn Merchant escreve:

Simbolicamente associada à natureza indomável esteve o lado sombrio da mulher. Embora o amante platônico da Renascença a tenha corporificado com verdadeira beleza e o bem, e embora a Virgem Maria tenha sido adorada como mãe do Salvador, as mulheres também foram vistas como estando mais próximas da natureza do que os homens, subordinadas na hierarquia social aos homens de sua classe e imbuídas de uma paixão sexual muito maior. Os abalos da Reforma e os julgamentos das bruxas do século XVI intensificaram essas percepções. Como a natureza

selvagem e caótica, as mulheres precisavam ser subjugadas e mantidas em seu lugar (Merchant, 1990, p. 132).

Estas são percepções importantes com implicações tanto para a teologia sacramental quanto para a teologia ecológica. Então, permitam-me considerar mais de perto a relação sacramental entre forma e matéria em termos do corpo feminino, cujos ritmos naturais são significados pelo sangue que é derramado, não como sacrifício, mas como fertilidade.

ESTE É O MEU CORPO, ESTE É O MEU SANGUE

Grande parte da teologia sacramental ainda busca entender o mistério da Missa e dos sacramentos em termos da relação entre forma e matéria. Embora essas dualidades de gênero tenham se tornado implícitas e mascaradas, elas continuam a atuar sobre o imaginário católico com uma sutil potência. Implícita na insistência sobre a masculinidade essencial do sacerdócio, há uma crença persistente de que a forma (o divino masculino) deve atuar sobre a matéria (a hóstia não consagrada) para conferir-lhe significado e substância (o corpo de Cristo)?

Vários antropólogos e sociólogos exploraram a relação entre o sacrifício de sangue e o vínculo masculino como uma forma de substituição dos laços maternos do parto. Por exemplo, Nancy Jay sustenta que a relação entre pais e filhos nas genealogias paternas, incluindo o sacerdócio católico, é selada através do derramamento simbólico ou real de sangue sacrificial, que substitui o vínculo sanguíneo materno (Jay, 1992). Sob uma perspectiva psicanalítica, Luce Irigaray sugere que os rituais religiosos centrados na mulher têm

como foco primário a fecundidade, enquanto os rituais centrados no homem se concentram no sacrifício (cf. Irigaray, 1987). Baseando-se na psicanálise freudiana e lacaniana, ela argumenta que o corpo maternal, com suas potentes associações com a sexualidade e a natureza, é uma fonte de medo e nojo em uma cultura ocidental que se desenvolveu via racionalização e controle masculino das forças da natureza.

Tais teorias não estão imunes a críticas, mas elas convidam à reflexão sobre o que significaria para uma mulher dizer: “Este é o meu corpo, este é o meu sangue”. Lembremos: o Papa Francisco insiste que apenas um sacerdote homem pode dizer “Este é o meu corpo”. Quando corpos masculinos sangram, sempre é um sinal de lesão ou doença. Como sustentou René Girard, existe uma associação simbólica poderosa entre a violência sacrificial e o sagrado (Girard, 1972). No entanto, o sangue feminino tem uma gama mais ampla de significados. As mulheres devem aprender a interpretar os sinais de seus próprios corpos sangrantes, não apenas em termos de feridas comuns aos dois sexos, mas em termos de menstruação, parto e menopausa. O sangue feminino está mais comumente associado às capacidades reprodutivas da mulher. Uma mulher ordenada ao sacerdócio sobre o altar pode estar oferecendo o corpo e o sangue de Cristo como sinal de fecundidade erótica e não apenas de sacrifício e morte.

Se é verdade que o corpo fértil e sangrante é uma fonte de medo para uma ordem masculina que busca controlar a natureza, podemos perguntar se a majestosa visão da encíclica do Papa Francisco sobre o meio ambiente, *Laudato si'* (Francisco, 2015), pode ser *de facto* realizada sem uma transformação da compreensão

católica sobre as mulheres e a maternidade. O Papa Francisco fala com eloquência sobre o sofrimento e a fragilidade da Mãe Terra, mas isso também permanece uma fantasia romântica se for simplesmente mais uma projeção sobre o corpo mudo da outra materna sofredora. Em *Laudato si'*, não há uma tentativa de abordar os aspectos de gênero da ecologia e da justiça socioeconômica em relação à feminização da natureza e à vitimização e exploração das mulheres, incluindo o fato de que quase 300.000 das mulheres mais pobres do mundo morrem anualmente por causas relacionadas à gravidez e ao parto, incluindo o aborto inseguro.

Muitas teólogas e teóricas feministas têm apontado que, com a ascensão da modernidade científica, a natureza foi tanto romantizada quanto demonizada como um corpo feminino sexualmente perigoso que precisava ser controlado e domado pela mente racional masculina. Tais percepções de gênero teriam muito a contribuir para uma compreensão mais profunda das questões levantadas em *Laudato si'*. Não pode haver reconciliação entre cultura e natureza, nem uma superação do antropocentrismo que Francisco enxerga como um flagelo nos valores ocidentais modernos (seria mais exato falar de “androcentrismo”), sem uma superação dos impulsos profundamente reprimidos que projetam sobre os corpos femininos todos os medos e desejos proibidos associados à relação maternal e ao poder da natureza.

Sugiro que o controle dos corpos reprodutivos das mulheres por uma hierarquia masculina celibatária anda de mãos dadas com o controle da natureza pelo homem moderno da razão. O Papa Francisco tem sido altamente crítico daquilo que ele chama de “antropo-

centrismo tirânico” da modernidade, mas isso clama por um diálogo com as críticas ecofeministas do sujeito masculino da ordem simbólica moderna.

O CORPO POLIMORFO DO CRISTO CRUCIFICADO

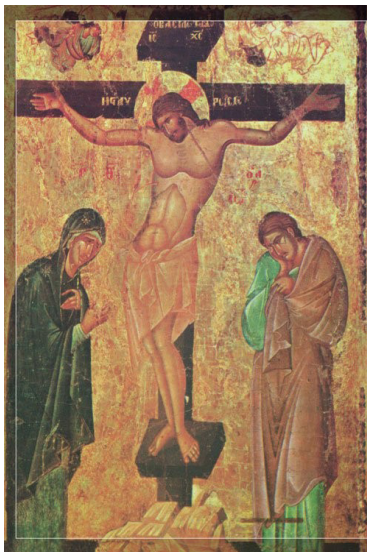
Atonement (expição) é uma das poucas palavras do inglês antigo que adquiriu significado doutrinário. Literalmente, ela significa “estar em um só” (em harmonia, reconciliação). Como poderíamos, enquanto corpos sexuais e de gênero, nos descobrir em harmonia através do amor reconciliador de Cristo crucificado?

Há um período estranho na arte em torno da crucificação que vai do século XII e ao século XIV, em que o torso de Cristo aparece na forma de um falo.³



³ Esta seção de foi tirada de Beattie (2016).

Embora a caixa torácica visível possa ser uma maneira de expressar o sofrimento de Cristo, nessas imagens o simbolismo fálico se encontra claramente visível.



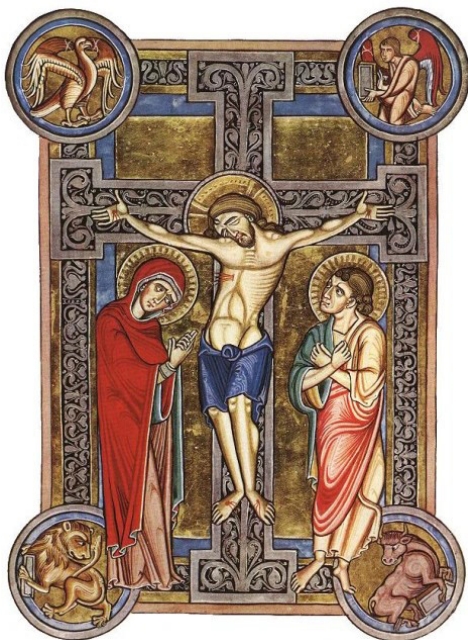
Se olharmos mais de perto, veremos que, em algumas dessas imagens, a ferida no lado de Cristo está jorrando os fluidos corporais de sangue e água na direção de sua mãe aos pés da cruz. Os fluidos que fluem da ferida de Cristo são fluidos de nascimento – água e sangue fluem de corpos no parto, não na morte. Estes são fluidos baptismais – os fluidos do renascimento para a vida eterna. “Quem não nascer de novo não pode ver o Reino de Deus”, Jesus diz a Nicodemos (Jo 3,3).

A ferida no lado de Cristo era comumente descrita em termos do corpo maternal do parto na teologia patrística e medieval, com Cristo dando à luz a Igreja da mesma forma que Eva foi “parida” a partir do lado de Adão.⁴

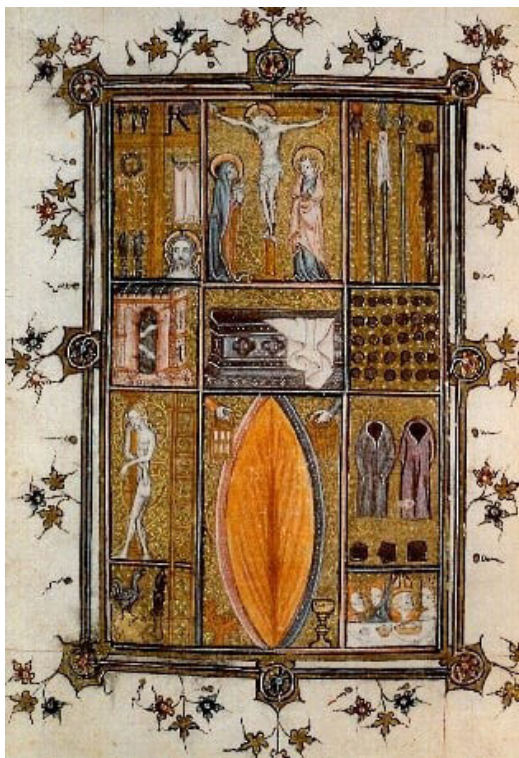


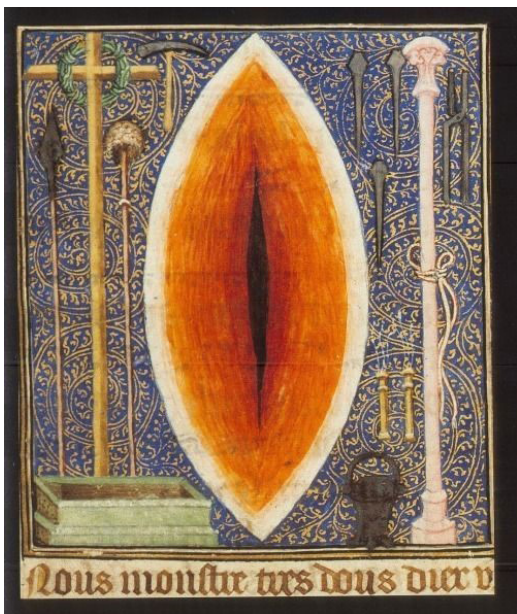
Penso que a ferida sangrante e o torso fático em imagens como estas simbolizam a impregnação e o nascimento.

4 Cf. Bynum (1982) e Bynum (2007). Para um resumo das hipóteses e dos debates acadêmicos sobre o assunto, ver: Miller (2013).



Na cruz, Cristo impregna seu próprio corpo através da ferida vaginal em seu lado, para dar à luz a Igreja maternal, em cujos sacramentos seu corpo tornar-se-á, doravante, alimento para a vida do mundo.





Uma mulher ordenada ao sacerdócio seria sinal do significado redentor da encarnação, na qual Cristo desconstrói as antigas dualidades de bem e mal que criam as condições para um mundo de vergonha, culpa e conflito. Masculino e feminino, mãe e pai, Deus e criação, corpo e alma se tornam então não opostos dualistas, mas um jogo harmônico e dinâmico de diferenças, constituindo o solo fértil da imaginação sacramental, no qual uma vida de graça se semeia entre nós e nos convida a dançar uma música diferente dentro da harmonia e beleza da criação.

Há muito mais que poderíamos dizer e analisar a partir destas afirmações, mas o que faço é esboçar um possível enquadramento dentro da qual podemos perguntar: é a Igreja Católica um império de misoginia? Eu sugiro que a influência maligna da misoginia é um sintoma, e não uma causa, do problema. Misoginia significa ódio às mulheres, mas o ódio é uma característica secundária, que geralmente é uma defesa contra o medo e a vulnerabilidade, o que me leva a suspeitar que a causa não seja a misoginia, mas a gineofobia – o medo das mulheres, especialmente dos corpos femininos que sangram naturalmente como um sinal de sexualidade, fecundidade e nascimento.

É por isso que a palavra “mulher” deve ser abstraída dos ritmos naturais, sanguinolentos e contaminantes do corpo feminino, se for funcionar como um termo eclesiológico de referência para o sacerdote homem. É o medo às mulheres que fundamenta as atitudes e os comportamentos misóginos e que conduz os homens a querer controlar as mulheres. A gineofobia infecta o ensino da Igreja com um impulso para dominar as mulheres por meio de várias táticas de controle sexual e reprodutivo e por meio da exclusão presbiteral, enquanto a hierarquia se esconde das feias implicações disso, vestindo-as com uma linguagem romântica de cuidado maternal e “gênio feminino”.

CONCLUSÃO

Concluo perguntando que recursos a tradição católica pode oferecer para ir além desse impasse, para uma simbologia mais fértil e criativa de gênero e sacramentalidade interpretada no contexto da história da criação, encarnação e redenção.

No seu melhor, a vida sacramental católica é atenta e responsiva aos sons de graça que ressoam profundamente dentro da criação. Os mistérios centrais da fé não estão abertos à investigação racional como tal, mas fazem sentido dentro da narrativa abrangente da salvação. Como o Papa Francisco aponta repetidas vezes, há uma plasticidade na doutrina, que pode se dobrar e moldar a diferentes contextos e culturas.

A rigidez da resistência da Igreja à ordenação feminina gerou novas justificativas doutrinárias que apelam para o mistério da revelação, mas existe uma diferença entre mistério e mistificação. O mistério convida o crente orante cada vez mais profundamente ao coração de Deus - a fonte da graça - além de toda linguagem e conceitos, de modo que se abre para um mundo de liberdade interior, beleza e paz. A mistificação não é um convite, mas uma imposição. Ela busca refúgio na irracionalidade e no autoritarismo para sustentar doutrinas que carecem de coerência e resistir aos movimentos transformadores do Espírito Santo.

Podemos recorrer a Julia Kristeva para apelar por uma compreensão da identidade de gênero menos dualista, mais fluida, na qual as características ligadas à masculinidade e feminilidade, maternidade e paternidade, fluem pela psique em uma dinâmica contínua de si e do outro (*cf.* Kristeva, 1988). Se seguimos esse caminho, nos encontramos de volta à fonte da fé católica, a pessoa feita à imagem do Deus Trinitário. Em termos lacanianos, poderíamos dizer que o eu do simbólico (a dimensão masculinizada da linguagem e da ordem social), o outro do imaginário (a dimensão feminilizada do desejo e do anseio) e o Outro do Real (Deus) constituem o mundo interior do eu Trinitário,

tornando porosos os rígidos binários da diferença sexual e permitindo uma fluidez de gênero em nossas identidades e relações. A teóloga britânica e reverenda anglicana Sarah Coakley se refere à “abertura misteriosa e plástica do gênero para a transfiguração divina”, de modo que “as diferenças ‘fixas’ do gênero mundano são transfiguradas precisamente pela atividade interruptiva do Espírito Santo, levando o gênero para a purgação e transformação trinitárias. A dualidade, pode-se dizer, é divinamente emboscada pela Trindade” (Coakley, 2009, p. 11).

Essa interpretação do significado de gênero estaria em harmonia com a tradição católica, e poderia liberar um sentido revitalizado da potência sacramental e da maravilha da vida litúrgica católica. Uma mulher ordenada ao sacerdócio tornar-se-ia um sinal do significado redentor da encarnação, na qual Cristo desconstrói as antigas dualidades de bem e mal que criam as condições para um mundo de vergonha, culpa e conflito. Masculino e feminino, mãe e pai, Deus e criação, corpo e alma se tornam então não opostos dualistas, mas um jogo harmônico e dinâmico de diferenças, constituindo o solo fértil da imaginação sacramental, no qual uma vida de graça se semeia entre nós e nos convida a dançar uma música diferente dentro da harmonia e beleza da criação.

A Eucaristia é a partilha de uma refeição e a partilha no corpo de Cristo em toda a sua plenitude – vivendo, morrendo e ressurgindo, amando e gerando, sofrendo e perdoando. A teóloga brasileira Maria Clara Bingemer descreve como seria a Eucaristia numa Igreja maternal, ao falar das vidas das mulheres latino-americanas:

Em toda a América Latina, nas áreas rurais e nos bairros pobres das periferias das cidades, há milhões de mulheres concebendo, parindo e amamentando novos filhos do povo. [...] É o corpo feminino, eucaristicamente dado à luta pela libertação, real e fisicamente distribuído, comido e bebido por aqueles que, como os homens e as mulheres de amanhã, continuarão a mesma luta de paciência e resistência, dor e coragem, alegria e prazer. Partir o pão e distribuí-lo, ter comunhão no corpo e sangue do Senhor até que Ele venha novamente, significa, às mulheres hoje, reproduzir e simbolizar, no meio da comunidade, o ato divino de entrega e amor para que o povo possa crescer e a vitória possa vir, a qual é celebrada na festa da verdadeira e definitiva libertação (Bingemer *in* Ellis; Maduro, 1989, p. 486).

REFERÊNCIAS

BEATTIE, Tina. Gendering Genesis, Engendering Difference: a Catholic Theological Quest. **Swedish Theological Quarterly**, v. 92, n. 3-4, 2016. Disponível em: <https://journals.lub.lu.se/STK/article/view/17213>

BEATTIE, Tina. Human Dignity and Rights in the Context of Gender and the Sacramental Priesthood. **Interdisciplinary Journal for Religion and Transformation in Contemporary Society**, 6(1), 140157, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.30965/23642807-00601009>

BEATTIE, Tina. Theological (De)Formations? The Sex Abuse Crisis in the Context of Nuptial Ecclesiology and the Theology of Priesthood. **Journal of Moral Theology**, 3, CTEWC Book Series 3, p. 195-212, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.55476/001c.72065>

BEATTIE, Tina. **Theology after Postmodernity**: Divining the Void – a Lacanian Reading of Thomas Aquinas. Oxford: Oxford University Press, 2013.

BINGEMER, María Clara. Women in the Future of the Theology of Liberation. In: ELLIS, Marc H.; MADURO, Otto (eds.). **The Future of Liberation Theology: Essays in Honour of Gustavo Gutiérrez**. Orbis Books, Maryknoll, 1989.

BYNUM, Caroline Walker. **Jesus as Mother: Studies in the Spirituality of the High Middle Ages**. Berkeley: University of California Press, 1982.

BYNUM, Caroline Walker. **Wonderful Blood: Theology and Practice in Late Medieval Northern Germany and Beyond**. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2007.

CALDERISI, Robert. **Earthly Mission: The Catholic Church and World Development**. Yale University Press, New Haven CT 2013.

CATHOLIC WOMEN SPEAK. **Catholic Women Speak**, 2023. Disponível em: <https://www.catholicwomenspeak.com/cws-international-survey>.

COAKLEY, Sarah. Is there a Future for Gender and Theology? On Gender, Contemplation, and the Systematic Task. **Criterion**, 47.1, 2-11, 2009.

FRANCISCO, Papa. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium do Santo Padre Francisco ao episcopado, ao clero às pessoas consagradas e aos fiéis leigos sobre o anúncio do Evangelho no mundo actual**, 24 de novembro de 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html

FRANCISCO, Papa. **Carta Encíclica Laudato si' do Santo Padre Francisco sobre o cuidado da casa comum**, 24 de maio de 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html

FRANCISCO, Papa. **Exortação Apostólica Pós-sinodal Querida Amazonia do Santo Padre Francisco ao povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade**, 2 de fevereiro de 2020. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20200202_querida-amazonia.html

FRANCISCO, Papa. XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos. **Sínodo**, 26 de outubro de 2024. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/https://www.synod.va/content/dam/synod/news/2024-10-26_final-document/POR---Documento-finale.pdf

GIANGRAVÉ, Claire. **America Magazine**, 30 de novembro de 2023. Pope Francis asks theologians to ‘demasculinize’ the church. Disponível em: <https://www.americamagazine.org/fait/2023/11/30/pope-francis-theologians-demasculinize-church-246616>

GIRARD, Rene. **Violence et le sacré**. Paris, Éditions Bernard Grasset, 1972.

IRIGARAY, Luce. **Sexes et parentes**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1987.

JAY, Nancy. **Throughout Your Generations Forever: Sacrifice, Religion, and Paternity**, University of Chicago Press, 1992.

JOÃO PAULO II, Papa. Carta Apostólica *Mulieris Dignitatem* do Sumo Pontífice João Paulo II sobre a dignidade e a vocação da mulher por ocasião do Ano Mariano. **Vaticano**, 15 de agosto de 1988. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paulii/en/apost_letters/1988/documents/hf_jp-ii_apl_19880815_mulieris-dignitatem.html

KRISTEVA, Julia. **Étrangers à nous-memes**. Paris: Les Éditions Fayard, 1988.

KRISTOF, Nicholas D.; Wudunn, Sheryl. **Half the Sky: Turning Oppression Into Opportunity for Women Worldwide**, Alfred A. Knopf, New York 2009.

MCALLEESE, Mary. Catholic Church “an empire of misogyny”. **BBC**, 8 de março de 2018. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/news/world-europe-43330026>

MERCHANT, Carolyn. **The Death of Nature: Women, Ecology and the Scientific Revolution**. San Francisco: Harper & Row, 1990.

MILLER, Sarah Alison. **Medieval Monstrosity and the Female Body**. Londres e Nova York: Routledge, 2013.



O'CONNELL, Gerard. Pope Francis: Some Final Thoughts on the Flight Home. **America Magazine**, 28 de setembro de 2015. Disponível em: <http://papalvisit.americamedia.org/2015/09/28/pope-francis-some-final-thoughts-on-the-flight-home/>

SALA STAMPA DELLA SANTA SEDE. **Bollettino**, 1º de novembro de 2016. Disponível em: <https://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2016/11/01/0789/01764.html>

VOICES OF FAITH. **Voices Of Faith**, 2024. Disponível em: <https://www.voicesfaith.org/upcoming-events/>

Tina Beattie



Tina Beattie é professora emérita de Estudos Católicos na Universidade de Roehampton. Atualmente, Beattie trabalha como pesquisadora independente, escritora e apresentadora. Grande parte de sua pesquisa foca na relação entre a tradição católica e a cultura contemporânea, especialmente em áreas relacionadas a gênero, sexualidade e ética reprodutiva; ensino social católico e direitos das mulheres, e teologia e artes visuais. Ela tem grande interesse na teologia mariana, arte e devoção, além da relação entre o misticismo medieval, a teologia sacramental e a teoria psicanalítica. É autora de, entre outras obras, *Theology after Postmodernity: Divining the Void* (Londres e Nova York: Oxford University Press, 2013) e *New Catholic Feminism: Theology and Theory* (Londres e Nova York: Routledge, 2006).

ENTREVISTAS REALIZADAS PELO IHU COM TINA BEATTIE

- [Um pontificado de novidades e resistências. Entrevista especial com Tina Beattie](#)

ARTIGOS DE TINA BEATTIE REPRODUZIDOS PELO IHU

- [Fantasmas e fascistas: novo livro de Judith Butler é radical e superficial. Artigo de Tina Beattie](#)
- [Tina Beattie: “Me pergunto se estou prestes a me tornar uma daquelas pessoas que ‘creem sem pertencer’”](#)



- [Ministério das mulheres. O trabalho que não está sendo feito. Artigo de Tina Beattie](#)
- [As mulheres e a Igreja pós-pandemia. Artigo de Tina Beattie](#)
- [“Querida Amazônia”: uma ideia “congelada” de feminino. Artigo de Tina Beattie](#)
- [A teoria de gênero e a educação católica. Artigo de Tina Beattie](#)
- [Sexo, casamento e Igreja Católica](#)
- [Evolução e pecado original: releituras do Gênesis](#)
- [A luta do Vaticano contra as mulheres](#)

EVENTOS DO IHU COM TINA BEATTIE

- [Misoginia e magistério eclesial sobre as mulheres. Desafios para desmasculinização da Igreja](#)
- [Mulheres na vida da Igreja. Avanços e obstáculos no Pontificado de Francisco](#)



CADERNOS DE TEOLOGIA PÚBLICA

- N. 1 Hermenêutica da tradição cristã no limiar do século XXI – Johan Konings, SJ
- N. 2 Teologia e Espiritualidade. Uma leitura Teológico-Espiritual a partir da Realidade do Movimento Ecológico e Feminista – Maria Clara Bingemer
- N. 3 A Teologia e a Origem da Universidade – Martin N. Dreher
- N. 4 No Quarentenário do Lumen Gentium – Frei Boaventura Kloppenburg, OFM
- N. 5 Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner – Érico João Hammes
- N. 6 Teologia e Diálogo Inter-Religioso – Cleusa Maria Andreatta
- N. 7 Transformações recentes e perspectivas de futuro para a ética teológica – José Roque Junges, SJ
- N. 8 Teologia e literatura: profetismo secular em “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos – Carlos Ribeiro Caldas Filho
- N. 9 Diálogo inter-religioso: Dos “cristãos anônimos” às teologias das religiões – Rudolf Eduard von Sinner
- N. 10 O Deus de todos os nomes e o diálogo inter-religioso – Michael Amalados, SJ
- N. 11 A teologia em situação de pós-modernidade – Geraldo Luiz De Mori, SJ
- N. 12 Teologia e Comunicação: reflexões sobre o tema – Pedro Gilberto Gomes, SJ
- N. 13 Teologia e Ciências Sociais – Orivaldo Pimentel Lopes Júnior
- N. 14 Teologia e Bioética – Santiago Roldán García
- N. 15 Fundamentação Teológica dos Direitos Humanos – David Eduardo Lara Corredor
- N. 16 Contextualização do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento – João Batista Libânio, SJ
- N. 17 Por uma Nova Razão Teológica. A Teologia na Pós-Modernidade – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
- N. 18 Do ter missões ao ser missionário – Contexto e texto do Decreto Ad Gentes revisitado 40 anos depois do Vaticano II – Paulo Suess
- N. 19 A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg – 1ª parte – Manfred Zeuch
- N. 20 A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg – 2ª parte – Manfred Zeuch
- N. 21 Bento XVI e Hans Küng. Contexto e perspectivas do encontro em Castel Gandolfo – Karl-Josef Kuschel
- N. 22 Terra habitável: um desafio para a teologia e a espiritualidade cristãs – Jacques Arnould
- N. 23 Da possibilidade de morte da Terra à afirmação da vida. A teologia ecológica de Jürgen Moltmann – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
- N. 24 O estudo teológico da religião: Uma aproximação hermenêutica – Walter Ferreira Salles
- N. 25 A historicidade da revelação e a sacramentalidade do mundo – o legado do Vaticano II – Frei Sinivaldo S. Tavares, OFM
- N. 26 Um olhar Teopoético: Teologia e cinema em O Sacrifício, de Andrei Tarkovski – Joe Marçal Gonçalves dos Santos
- N. 27 Música e Teologia em Johann Sebastian Bach – Christoph Theobald
- N. 28 Fundamentação atual dos direitos humanos entre judeus, cristãos e muçulmanos: análises comparativas entre as religiões e problemas – Karl-Josef Kuschel
- N. 29 Na fragilidade de Deus a esperança das vítimas. Um estudo da cristologia de Jon Sobrino – Ana Maria Formoso
- N. 30 Espiritualidade e respeito à diversidade – Juan José Tamayo-Acosta



- N. 31 A moral após o individualismo: a anarquia dos valores – Paul Valadier
- N. 32 Ética, alteridade e transcendência – Nilo Ribeiro Junior
- N. 33 Religiões mundiais e Ethos Mundial – Hans Küng
- N. 34 O Deus vivo nas vozes das mulheres – Elisabeth A. Johnson
- N. 35 Posição pós-metafísica & inteligência da fé: apontamentos para uma outra estética teológica – Vitor Hugo Mendes
- N. 36 Conferência Episcopal de Medellín: 40 anos depois – Joseph Comblin
- N. 37 Nas pegadas de Medellín: as opções de Puebla – João Batista Libânio
- N. 38 O cristianismo mundial e a missão cristã são compatíveis?: insights ou percepções das Igrejas asiáticas – Peter C. Phan
- N. 39 Caminhar descalço sobre pedras: uma releitura da Conferência de Santo Domingo – Paulo Suess
- N. 40 Conferência de Aparecida: caminhos e perspectivas da Igreja Latino-Americana e Caribenha – Benedito Ferraro
- N. 41 Espiritualidade cristã na pós-modernidade – Ildo Perondi
- N. 42 Contribuições da Espiritualidade Franciscana no cuidado com a vida humana e o planeta – Ildo Perondi
- N. 43 A Cristologia das Conferências do Celam – Vanildo Luiz Zugno
- N. 44 A origem da vida – Hans Küng
- N. 45 Narrar a Ressurreição na pós-modernidade. Um estudo do pensamento de Andrés Torres Queiruga – Maria Cristina Giani
- N. 46 Ciência e Espiritualidade – Jean-Michel Maldamé
- N. 47 Marcos e perspectivas de uma Catequese Latino-americana – Antônio Cechin
- N. 48 Ética global para o século XXI: o olhar de Hans Küng e Leonardo Boff – Águeda Bichels
- N. 49 Os relatos do Natal no Alcorão (Sura 19,1-38; 3,35-49): Possibilidades e limites de um diálogo entre cristãos e muçulmanos – Karl-Josef Kuschel
- N. 50 “Ite, missa est!”: A Eucaristia como compromisso para a missão – Cesare Giraudo, SJ
- N. 51 O Deus vivo em perspectiva cósmica – Elisabeth A. Johnson
- N. 52 Eucaristia e Ecologia – Denis Edwards
- N. 53 Escatologia, militância e universalidade: Leituras políticas de São Paulo hoje – José A. Zamora
- N. 54 Mater et Magistra – 50 Anos – Entrevista com o Prof. Dr. José Oscar Beozzo
- N. 55 São Paulo contra as mulheres? Afirmação e declínio da mulher cristã no século I – Daniel Marguerat
- N. 56 Igreja Introversa: Dossiê sobre o Motu Proprio “Summorum Pontificum” – Andrea Grillo
- N. 57 Perdendo e encontrando a Criação na tradição cristã – Elisabeth A. Johnson
- N. 58 As narrativas de Deus numa sociedade pós-metafísica: O cristianismo como estilo – Christoph Theobald
- N. 59 Deus e a criação em uma era científica – William R. Stoeger
- N. 60 Razão e fé em tempos de pós-modernidade – Franklin Leopoldo e Silva
- N. 61 Narrar Deus: Meu caminho como teólogo com a literatura – Karl-Josef Kuschel
- N. 62 Wittgenstein e a religião: A crença religiosa e o milagre entre fé e superstição – Luigi Perissinotto
- N. 63 A crise na narração cristã de Deus e o encontro de religiões em um mundo pós-metafísico – Felix Wilfred

- N. 64 Narrar Deus a partir da cosmologia contemporânea – François Euvé
- N. 65 O Livro de Deus na obra de Dante: Uma releitura na Baixa Modernidade – Marco Lucchesi
- N. 66 Discurso feminista sobre o divino em um mundo pós-moderno – Mary E. Hunt
- N. 67 Silêncio do deserto, silêncio de Deus – Alexander Nava
- N. 68 Narrar Deus nos dias de hoje: possibilidades e limites – Jean-Louis Schlegel
- N. 69 (Im)possibilidades de narrar Deus hoje: uma reflexão a partir da teologia atual – Deislando Nóbrega de Lima
- N. 70 Deus digital, religiosidade online, fiel conectado: Estudos sobre religião e internet – Moisés Sbardelotto
- N. 71 Rumo a uma nova configuração eclesial – Mario de França Miranda
- N. 72 Crise da racionalidade, crise da religião – Paul Valadier
- N. 73 O Mistério da Igreja na era das mídias digitais – Antonio Spadaro
- N. 74 O seguimento de Cristo numa era científica – Roger Haight
- N. 75 O pluralismo religioso e a igreja como mistério: A eclesiologia na perspectiva inter-religiosa – Peter C. Phan
- N. 76 50 anos depois do Concílio Vaticano II: indicações para a semântica religiosa do futuro – José Maria Vigil
- N. 77 As grandes intuições de futuro do Concílio Vaticano II: a favor de uma “gramática gerativa” das relações entre Evangelho, sociedade e Igreja – Christoph Theobald
- N. 78 As implicações da evolução científica para a semântica da fé cristã – George V. Coyne
- N. 79 Papa Francisco no Brasil – alguns olhares
- N. 80 A fraternidade nas narrativas do Gênesis: Dificuldades e possibilidades – André Wénin
- N. 81 Há 50 anos houve um concílio...: significado do Vaticano II – Victor Codina
- N. 82 O lugar da mulher nos escritos de Paulo – Eduardo de la Serna
- N. 83 A Providência dos Profetas: uma Leitura da Doutrina da Ação Divina na Bíblia Hebraica a partir de Abraham Joshua Heschel – Élcio Verçosa Filho
- N. 84 O desencantamento da experiência religiosa contemporânea em House: “creia no que quiser, mas não seja idiota” – Renato Ferreira Machado
- N. 85 Interpretações polissêmicas: um balanço sobre a Teologia da Libertação na produção acadêmica – Alexandra Lima da Silva & Rhaissa Marques Botelho Lobo
- N. 86 Diálogo inter-religioso: 50 anos após o Vaticano II – Peter C. Phan
- N. 87 O feminino no Gênesis: A partir de Gn 2,18-25 – André Wénin
- N. 88 Política e perversão: Paulo segundo Žižek – Adam Kotsko
- N. 89 O grito de Jesus na cruz e o silêncio de Deus. Reflexões teológicas a partir de Marcos 15,33-39 – Francine Bigaouette, Alexander Nava e Carlos Arthur Dreher
- N. 90 A espiritualidade humanística do Vaticano II: Uma redefinição do que um concílio deveria fazer – John W. O’Malley
- N. 91 Religiões brasileiras no exterior e missão reversa – Vol. 1 – Alberto Groisman, Alejandro Frigerio, Brenda Carranza, Carmen Sílvia Rial, Cristina Rocha, Manuel A. Vázquez e Ushí Arakaki
- N. 92 A revelação da “morte de Deus” e a teologia materialista de Slavoj Žižek – Adam Kotsko
- N. 93 O êxito das teologias da libertação e as teologias americanas contemporâneas – José Oscar Beozzo
- N. 94 Vaticano II: a crise, a resolução, o fator Francisco – John O’Malley
- N. 95 “Gaudium et Spes” 50 anos depois: seu sentido para uma Igreja aprendente – Massimo Faggioli



- N. 96 As potencialidades de futuro da Constituição Pastoral
- N. 97 500 Anos da Reforma: Luteranismo e Cultura nas Américas – Vítor Westhelle
- N. 98 O Concílio Vaticano II e o aggiornamento da Igreja – No centro da experiência: a leitura, uma leitura contextual da Escritura e o diálogo – Gilles Routhier
- N. 99 Pensar o humano em diálogo crítico com a Constituição *Gaudium et Spes* – Geraldo Luiz De Mori
- N. 100 O Vaticano II e a Escatologia Cristã: Ensaio a partir de leitura teológico-pastoral da *Gaudium et Spes* – Afonso Murad
- N. 101 Concílio Vaticano II: o diálogo na Igreja e a Igreja do Diálogo – Elias Wolff
- N. 102 A Constituição Dogmática *Dei Verbum* e o Concílio Vaticano II – Flávio Martinez de Oliveira
- N. 103 O pacto das catacumbas e a Igreja dos pobres hoje! – Emerson Sbardelotti Tavares
- N. 104 A exortação apostólica *Evangelii Gaudium*: Esboço de uma interpretação original do Concílio Vaticano II – Christoph Theobald
- N. 105 Misericórdia, Amor, Bondade: A Misericórdia que Deus quer – Ney Brasil Pereira
- N. 106 Eclesialidade, Novas Comunidades e Concílio Vaticano II: As Novas Comunidades como uma forma de autorrealização da Igreja – Rejane Maria Dias de Castro Bins
- N. 107 O Vaticano II e a inserção de categorias históricas na teologia – Antonio Manzatto
- N. 108 Morte como descanso eterno – Luís Inácio João Stadelmann
- N. 109 Cuidado da Criação e Justiça Ecológica-Climática. Uma perspectiva teológica e ecumênica – Guillermo Kerber
- N. 110 A Encíclica *Laudato Si'* e os animais – Gilmar Zampieri
- N. 111 O vínculo conjugal na sociedade aberta. Repensamentos à luz de *Dignitatis Humanae* e *Amoris Laetitia* – Andrea Grillo
- N. 112 O ensino social da Igreja segundo o Papa Francisco – Christoph Theobald
- N. 113 Lutero, Justiça Social e Poder Político: Aproximações teológicas a partir de alguns de seus escritos – Roberto E. Zwetsch
- N. 114 *Laudato Si'*, o pensamento de Morin e a complexidade da realidade – Giuseppe Fumarco
- N. 115 A condição paradoxal do perdão e da misericórdia. Desdobramentos éticos e implicações políticas – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 116 A Igreja em um contexto de “Reforma digital”: rumo a um *sensus fidelium* digitalis? Moisés Sbardelotto
- N. 117 *Laudato Si'* e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: uma convergência? – Gaël Giraud e Philippe Orliange
- N. 118 Misericórdia, Compaixão e Amor: O rosto de Deus no Evangelho de Lucas – Illo Perondi e Fabrizio Zandonadi Catenassi
- N. 119 A constituição da Dignidade Humana: aportes para uma discussão pós-metafísica – Thyeles Moratti Precilio Borcarte Strelhow
- N. 120 Renovação do espaço público: pentecostalismo e missão em perspectiva política – Amos Yong
- N. 121 Viver as Bem-aventuranças numa Igreja em saída – Tea Frigerio
- N. 122 Ser e Agir, o Reino e a Glória: a *Oikonomia* Trinitária e a bipolaridade da máquina governamental – Colby Dickinson
- N. 123 A sensibilidade religiosa de Thoreau – Edward F. Mooney
- N. 124 Diáconas na Igreja Maronita – Phyllis Zagano
- N. 125 Comportamentos normatizados e a noção de profanação: uma reflexão em Giorgio Agamben – Claudio de Oliveira Ribeiro
- N. 126 Teologalidade das resistências e lutas populares – Francisco de Aquino Júnior



- N. 127 A glória como arcano central do poder e os vínculos entre oikonomia, governo e gestão - Colby Dickinson
- N. 128 O Princípio Pluralista - Claudio de Oliveira Ribeiro
- N. 129 Deus e o Diabo na política: compaixão e vocação profética - Ivone Gebara
- N. 130 Deslocamentos genealógicos da economia teológica segundo Agamben - Joel De-cothé Junior
- N. 131 A Heterodoxia do Pseudo-Dionísio: hierarquia e burocracia na Teologia Medieval - Gerson Leite de Moraes e Daniel Nagao Menezes
- N. 132 O pensamento de Jorge Mario Bergoglio. Os desafios da Igreja no mundo contemporâneo - Massimo Borghesi
- N. 133 Os documentos eclesiais pós-sinodais "Familiaris Consortio" de Wojtyła e "Amoris Laetitia" de Bergoglio como respostas aos desafios da pastoral matrimonial - José Roque Junges
- N. 134 A universalidade e o (não) lugar político da Igreja no mundo de hoje. A eclesiologia da globalização de Francisco - Massimo Faggioli
- N. 135 A ética social do Papa Francisco: O Evangelho da misericórdia segundo o espírito de discernimento - Juan Carlos Scannone S.I.
- N. 136 Amoris Laetitia: aspectos antropológicos e metodológicos e suas implicações para a teologia moral - Todd A. Salzman e Michael G. Lawler
- N. 137 A Teologia da Missão à luz da Exortação Apostólica Evangelii gaudium - Paulo Suess
- N. 138 O pontificado de Francisco e o laicato na missão da Igreja hoje. Avanços e impasses da "parrésia eclesial" - Andrea Grillo
- N. 139 A Opção de Francisco: como evangelizar um mundo em mudança? - Austen Ivereigh
- N. 140 A liturgia, 50 anos depois do Concílio Vaticano II: marcos, desafios, perspectivas - Andrea Grillo
- N. 141 Franciscus non cantat: Um discurso, alguns percursos e ressonâncias acerca da música litúrgica pós-conciliar - Márcio Antônio de Almeida
- N. 142 Para além do limiar do Templo: apontamentos éticos para uma pastoral em modo on-line - Thiago Isaias Nóbrega de Lucena e José Joanees Souza Oliveira
- N. 143 A Conversão de Agostinho de Hipona, interpretada em reflexões sobre a expressão Intellige Ut Credas - Orlando Polidoro Junior
- N. 144 Teologia Pública e Práxis Pastoral: considerações em vista de uma Pastoral Pública - Luis Carlos Dalla Rosa
- N. 145 O debate sobre o princípio pluralista: um balanço das reflexões sobre o princípio pluralista e suas aplicações - Claudio de Oliveira Ribeiro
- N. 146 Juventudes e vivência ecumênica - Rosemary Fernandes da Costa
- N. 147 Igreja e evangelização: provocações da pandemia. Parte I - O fim de um mundo? - Geraldo De Mori, Lucimara Trevizan e Edward Guimarães
- N. 148 Igreja e evangelização: provocações da pandemia. Parte II - As dores do parto - Geraldo De Mori, Lucimara Trevizan e Edward Guimarães
- N. 149 Igreja e evangelização: provocações da pandemia. Parte III - Vinho novo, odres novos - Geraldo De Mori, Lucimara Trevizan e Edward Guimarães
- N. 150 O Papa Francisco, a Igreja e a ética teológica. Alguma coisa mudou? - Michael G. Lawler e Todd A. Salzman
- N. 151 Igreja em saída para as periferias sociais e existenciais. O problema espiritual da missão - Rogério L. Zanini
- N. 152 Fratelli Tutti: um guia de leitura - Gilmar Zampieri
- N. 153 A Igreja e as uniões do mesmo sexo: O Responsum e suas implicações pastorais - Michael G. Lawler e Todd A. Salzman
- N. 154 A Igreja e a união de pessoas do mesmo sexo: O Responsum e a possibilidade de novas abordagens - Andrea Grillo



- N. 155 Gustavo Gutierrez: servidor dos pequenos e teólogo da libertação - José Oscar Beozzo
- N. 156 O ensino moral da Igreja no pontificado do Papa Francisco: avanços, desafios e perspectivas - Todd A. Salzman e Michael G. Lawler
- N. 157 Razão pública e sociedade pós-secular: o diálogo entre cidadãos religiosos e secularizados no pensamento de Jürgen Habermas - Emerson Silva
- N. 158 Valores cristãos, valores seculares e por que eles precisarão um do outro na década de 2020 - Alec Ryrie
- N. 159 O grito de abandono de Jesus na cruz e o silêncio de Deus: reflexões à luz do Evangelho de Marcos - Junior Vasconcelos do Amaral
- N. 160 O pós-teísmo como superação dialética do teísmo - Santiago Villamayor
- N. 161 A fé cristã na ressurreição e a crise da linguagem religiosa na pós-modernidade - Ferdinando Sudati
- N. 162 O rio e a cisterna. Superar permanentemente toda forma de teísmo - Paolo Scquizzato
- N. 163 Diante de um cristianismo moribundo, a proposta de um cristianismo adulto: um olhar sobre o pós-teísmo - Beatrice Iacopini
- N. 164 “*Gloria Victis – ainda que tarde!*” Pelo reconhecimento de santidade de São Sepé Tiaraju - Luiz Carlos Susin
- N. 165 O Sínodo da Amazônia, Querida Amazonia e as mulheres - Phyllis Zagano
- N. 166 O cristianismo e a revelação de Deus em tempos de irrelevância cristã - Francesco Cosentino
- N. 167 O magistério do Papa Francisco em tempos de guerra - Andreas Gonçalves Lind
- N. 168 Thomas Merton, leitor de Sigmund Freud e Carl Jung - Nilson Perissé
- N. 169 Meu Cristo Mutilado. Fundamento de minhas esperanças - Pedro Gilberto Gomes
- N. 170 A “Opção Francisco” e o caminho da sinodalidade - Phyllis Zagano
- N. 171 Uma realidade para além da vontade: Agostinho, IA e a vindicação da teofania - Jordan Joseph Wales
- N. 172 A Opção Francisco e a reforma da Igreja. Desafios e perspectivas - Massimo Faggioli
- N. 173 Diaconato feminino na história da Igreja - Guillermo Daniel Micheletti
- N. 174 Pensar a transformação missionária da Igreja a partir dos “fiéis não tão praticantes...” - Valérie Le Chevalier
- N. 175 Mulheres, Igreja, Sinodalidade. Esperanças e expectativas - Maria Cristina S. Furtado, Alzirinha Souza, Ivenise T. Gonzaga Santinon, Maria Inês de Castro Millen e Maria Clara Lucchetti Bingemer
- N. 176 Mais azul que rosa: moral sexual católica e comunidade LGBTQIA+ - Leomar Nascimento de Jesus

 UNISINOS